

Oficina de informática em saúde mental: análise de um percurso

Computer Workshop in Mental Health: an analysis of a trajectory

Taller de Informática en Salud Mental: un análisis de camino

Deise Juliana Francisco

Universidade Federal de Alagoas (UFL), Maceió, AL, Brasil.

Resumo

Crescem no Brasil discussões sobre atuação em saúde mental com estratégias consolidadas e construção de estratégias de promoção de saúde e prevenção humanizadoras. Na perspectiva de construção e análise de estratégias não hegemônicas, desenvolveu-se uma pesquisa-intervenção que operou com oficinas terapêuticas e dispositivos digitais com usuários de Centro de Atenção Psicossocial. Neste artigo objetivamos verificar a produção e expressão de subjetividade de um dos participantes, analisar sua apropriação de artefatos técnicos e possibilidades subjetivas constituídas nas oficinas. Utilizaram-se para análise produções do usuário, diários de campo e entrevistas feitas com o mesmo. Os resultados apontam que recursos informatizados podem ser meios de expressão e de viabilização de construção da subjetividade, conforme sugerem os trabalhos do participante e sua verbalização a respeito do processo. Discutem-se as relações entre uso da tecnologia, processos de subjetivação e proposta de oficina em saúde mental que utiliza recursos informatizados no seu operar.

Palavras-chave: Interação Homem-Computador; Oficina; Saúde Mental.

Abstract

Grow in Brazil discussions about acting in mental health with consolidated strategies and building strategies for health promotion and prevention humanizing. From the perspective of construction and analysis of non-hegemonic strategies, developed a research intervention that operated with therapeutic workshops and digital devices users Psychosocial Care Center. In this article we aim to verify the production and expression of subjectivity of the participants, analyze its appropriation of technical artifacts and subjective possibilities incorporated in the workshops. Were used for analysis of user productions, field diaries and interviews with the same. The results show that computer

resources can be a means of expression and viability of the construction of subjectivity, as suggested by the work of the participant and their verbalization about the process.

Keywords: Human-Computer Interaction; Workshop; Mental Health.

Resumen

Crece en Brasil discusiones sobre el actuar en salud mental, con estrategias consolidadas y estrategias de construcción para la promoción de salud y prevención de humanización. Desde la perspectiva de la construcción y el análisis de las estrategias no hegemónicas, ha desarrollado una intervención de investigación que opera con talleres terapéuticos y dispositivos digitales de Atención Psicosocial Center. En este artículo se pretende verificar la producción y la expresión de la subjetividad de los participantes, analizar su apropiación de los artefactos técnicos y posibilidades subjetivas constituidas en los talleres. Se utilizaron para el análisis de las producciones de los usuarios, diarios de campo y entrevistas con el mismo. Los resultados muestran que los recursos de la computadora puede ser un medio de expresión y la viabilidad de la construcción de la subjetividad, como lo sugiere el trabajo del participante y su verbalización sobre el proceso.

Palabras clave: Interacción Persona-Ordenador; Talleres; Salud Mental.

Introdução

A Reforma Psiquiátrica no Brasil é um processo, uma obra que se constrói pelas mãos de usuários do sistema de saúde, trabalhadores de saúde mental, gestores e comunidade. Plural, processual e aberta aos movimentos sociais, é atravessada pelas relações de saber e poder que instituem saúde, doença, terapêuticas, cidadania e processos de subjetivação. Ao se tratar o sujeito a ser assistido por práticas de saúde mental pelo nome de usuário,

pretende-se problematizar práticas institucionais e terapêuticas que tendem a posicioná-lo como alguém que está “refém” do sistema de saúde, “passivo” aos fluxos e procedimentos operados nos serviços, colocando-se em pauta o que se entende por terapêutica. Dessa forma, não se trata apenas de uma mudança de nomenclatura (de paciente para usuário), mas se faz necessária a reinvenção de práticas em saúde que abarquem a participação dos usuários na sua produção. Ou seja, espera-se romper com a reprodução estereotipada dos

conhecimentos e a manutenção do estabelecido pela práxis, com a experimentação de práticas singulares, circunstanciais, não generalizáveis posto que encarnadas e encharcadas de cotidiano de trabalho, abrindo-se a saberes e fazeres que emergem da experimentação de outras práticas de intervenção em saúde mental (Yasui, 2010).

Sendo assim, a experimentação é um dos vetores da Reforma, na construção de intercessores para saúde. Aposta-se em um certo borrar a órbita da saúde ditada como norma, com produção de saúde mental, desde o ponto de vista de expansão da vida e de construção de práticas cotidianas que se deem para além das paralisias anestésicas da subjetivação capitalística. Em termos de atenção à saúde mental, com o apoio da legislação brasileira, foram construídos serviços substitutivos aos manicômios, na perspectiva de viabilizar o diálogo entre o sistema de saúde e a construção de formas de vida mais humanizadas e cidadãs. Como dispositivos, temos: Centro de Atenção Psicossocial (CAPS); hospitais dia; pensões protegidas; associações; geração de renda, e outros tantos. Em termos de dinâmica, a criação tem sido a aposta em intervenções em equipe

interdisciplinares, com realização de psicoterapia, grupos e/ou oficinas.

As oficinas são um dispositivo previsto em lei e muitos trabalhadores de saúde mental a utilizam. Neste sentido, faz-se necessário problematizar a proposição e desenvolvimento das oficinas, bem como o que os trabalhadores entendem por oficina. Rauter (2000) avisa sobre a necessidade de pensarmos sobre o que pretendemos com a oficina: criação de modos alternativos de existência ou subordinação do usuário aos modos de trabalho já reafirmados historicamente: “será que queremos nos inserir ou nos adaptar pura e simplesmente ao mundo em que vivemos hoje?” (p. 268). Discute ainda que as oficinas operarão como terapêuticas ou como vetores de existencialização ao produzirem conexões diferenciadas entre produção desejante e produção material. Sendo assim, podemos pensar no ofício da oficina como ponto de singularização, que se agencia em movimentos de territorialização e de desterritorialização com a vida que vai escorrendo pelo teclado, que é guardada em arquivos e que é socializada em conversas com outros participantes da oficina (Francisco, 2009).

Um dos vetores para a intervenção via oficinas pode ser

pensado a partir de Saraceno (1999) quando este aponta que as pessoas em sofrimento psíquico são alijadas da vida mais cotidiana e, para isso, pode-se investir na reconstrução do exercício de cidadania. Para isso, a contratualidade pode ser trabalhada em três cenários: habitat, rede social e trabalho com valor social, com foco nos aspectos terapêuticos e de tomada de poder por parte do usuário do serviço. As oficinas podem ser um espaço para este trabalho, desde que haja investimento na troca de recursos e de afetos com fins de efeito habilitador.

Na trajetória das oficinas em saúde mental, várias mídias foram coparticipantes do processo de saúde mental como canais para promover inclusão digital, cidadania, inflexão nos modos de vida, como a rádio, televisão e, mais contemporaneamente, computadores. O Comitê para a Democratização da Informática (CDI), instituição que tem por missão mobilizar pessoas e transformar comunidades através da tecnologia de informação e comunicação para maior cidadania e qualidade de vida, por exemplo, tem desenvolvido projetos especiais (para populações indígenas e psiquiátricas, por exemplo) dentro de sua plataforma de uso de computadores para democratização da informação, uso

da rede e produção de cidadania para classe popular. Além disso, em alguns estabelecimentos de atenção à saúde mental do Estado do Rio de Janeiro têm sido oferecidas oficinas para qualificação para o trabalho, nas quais alguns usuários são monitores.

Em termos de recursos terapêuticos, têm-se utilizado ferramentas de realidade virtual como auxiliar em tratamentos de reabilitação psicossocial a pessoas em sofrimento psíquico (Cavanagh, Shapiro, Van Den Berg, Sharon, Barkham, & Proudfoot, 2009). Inclusive, uma rede de pesquisadores

(www.cyberpsychology.com) trabalha com ambientes que simulam situações da vida cotidiana e nos quais essas pessoas desenvolveriam habilidades de convívio. Outras experiências referem-se ao uso da rede de convivência, para além de aspectos de inclusão no mundo do trabalho e de cura. Citamos como exemplo a web rádio e listas de discussão sobre temáticas ligadas à saúde mental (www.deliriocoletivo.com), bem como as oficinas com adolescentes do projeto “Oficinando” ligadas ao Centro Integrado de Atenção Psicossocial (CIAPS) do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre. Entende-se a rede de convivência como forma de reabilitação psicossocial, na

qual a criação de modos de vida diferenciados tem sido a perspectiva e, na qual, as tecnologias digitais têm sido partícipes em metodologias participativas e colaborativas.

Tais experimentações, construídas a partir de diversos referenciais teóricos, apontam para uma plêiade de intervenções nas quais os recursos digitais são participantes do processo de produção de cuidado em saúde mental. Nesse sentido, as tecnologias se articulam com o *socius* em vetores que podem homogeneizar e reduzir a expressão da subjetividade, como também a heterogeneizar, produzindo singularidades.

A aposta na diversificação de oficinas em saúde mental incluindo-se, para essa diversificação, a negociação com desejos dos usuários e o abarcar de vetores que participam do campo de produção de subjetividades na contemporaneidade das sociedades capitalistas, dentre os quais o uso de computadores, da informática, da realidade virtual se dá nesta perspectiva de singularizar e de viabilizar o contato com diversas matérias de expressão para os usuários de serviços substitutivos. Não se trata de uma defesa de metodologia ou de forma salvadora ou de ingenuidade perante os múltiplos significados que a informática

como uma tecnologia pode compor, sendo esta um tipo dentre tantas outras formas de tecnologia usada para compor processos de trabalho em saúde em nosso cotidiano. Trata-se, sim, de uma aposta em formas diversificadas de manifestação e de criação. Que encontros podem acontecer entre as linguagens binária e esquizofrênica? Que agenciamentos podem ocorrer entre serviços e tecnologias de saúde e de comunicação? Como a expressão via telemática pode afetar os modos de vida de pessoas em sofrimento psíquico? O que sustenta as oficinas terapêuticas com uso de recursos da informática é a ética e o compromisso com o acompanhamento crítico do processo de uso dos recursos e suas interfaces com os modos de vida dos participantes, bem como a possibilidade de ampliação de tais modos de vida, a produção de novos territórios existenciais.

Acompanhamos cotidianamente a invenção de novos mundos referenciais (Guattari, 1992) e as possibilidades de agenciamentos homem-técnica, homem-máquina, homem-tecnologias computacionais que têm sido produzidas no terreno da saúde mental, bem como os efeitos desses agenciamentos que operam com destreza e rapidez, pois seu agenciamento com o *socius* pode

engendrar aprisionamento, controle e sistematização de comportamentos. Neste sentido, “é fácil corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las” (Deleuze, 1992, p. 223). Assim, em uma sociedade de controle (Deleuze, 1992) constroem-se formas de exclusão articuladas ao uso e funcionamento da tecnologia, as malhas da rede digital capturam os sujeitos, possibilitam a generalização da televigilância. Ainda, “as antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, [...] as sociedades de controle operam máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores” (Deleuze, 1992, p. 223).

Assim, os processos de subjetivação se encontram em formação em cada momento histórico, uma vez que cada formação social/histórica irá dobrar de modo singular o tipo de relação de forças que a perpassa, atribuindo-lhe um sentido particular. Trata-se de processos nos quais as relações de saber-poder estão envolvidas na produção de

subjetividades. Não pensamos aqui na dicotomia interno-externo ao sujeito, mas sim nas várias possibilidades de agenciamento e de devir. Para Guattari (1992, p. 66), “a máquina é sempre sinônimo de um foco constitutivo de território existencial baseado em uma constelação de universos de referência incorporais”. Assim, a pólvora, que antes era utilizada na China como brinquedo, séculos depois foi transformada em arma. Nesta perspectiva Escóssia (2010, p. 17) afirma,

os objetos técnicos são portadores de sentido, mensageiros que emitem, transportam e veiculam informações. Ou seja, a matéria – viva ou inerte – informa, em dois sentidos: informa porque transmite informação e informa no sentido de que a forma está presente na própria matéria, ao invés de ser dada por algo exterior a ela. Isso determina uma maneira de conceber a relação do homem com a técnica que se afasta do esquema hilemórfico de forma e matéria. Aqui, a relação do homem com a matéria – com a natureza e com os objetos – é uma relação não de formatação, mas de agenciamento, acoplamento ou composição entre duas formas.

No acoplamento com as tecnologias digitais diversas formas-homens podem ser delineadas. Sob

certas circunstâncias, cada sujeito poderia ser considerado autor do espaço virtual (Maraschin, 2000), que vai sendo construído por meio de suas produções, num processo de autocriação. A vivência da autoria possibilita a formação, juntamente com as tecnologias, de novas instituições de inclusão nas redes sociocognitivas de conhecimento.

Neste sentido, no âmbito de práticas pautadas pela cidadania, a inclusão digital tem sido uma aposta que conjuga autoria, produção de conhecimento e recursos digitais. Tanto que Michelazzo (2003) defende que a abertura de espaços de criação e do alastramento do senso de comunidade é um dos motes da inclusão digital. Isto porque inclusão digital não é apenas a disponibilização de computadores, e sim, um trabalho de cidadania, de fazer com que haja produção de informação pelo sujeito e comunidade, e que os computadores tenham sentido na vida das pessoas, para que elas se reconheçam naquilo que produzem em parceria com as mesmas. Isto se relaciona com a citação de Guattari em que se advoga que “o objeto técnico não pode ser limitado à sua materialidade” (1992, p. 41). Na mesma via de reflexão, Rauter aponta que:

o progresso tecnológico não assegura, como podemos facilmente verificar olhando em torno de nós mesmos, melhoria da qualidade de vida do conjunto da população, a não ser que esteja subordinado a um aspecto primeiro, que lhe deve prevalecer – o da produção desejante ou do plano de imanência da vida. Para pensarmos o trabalho no mundo contemporâneo é necessário contrapor, à aparente autonomia da tecnologia, uma subordinação da tecnologia à uma ética da vida (Rauter, 2000, p. 269).

A partir dessas ideias e da problemática da atenção à saúde mental no Brasil, construiu-se um projeto de extensão universitária integrando o uso de computadores e a atenção a pessoas em sofrimento psíquico.

O projeto de extensão

As oficinas terapêuticas do projeto extensionista realizavam-se todas as segundas e quartas-feiras nas dependências de uma universidade do interior do Rio Grande do Sul, com duração de uma hora e meia, no período da tarde. Este projeto, iniciado em 2004 e encerrado em 2007, foi criado numa parceria com um CAPS do município e com um grupo de pesquisa da mesma universidade, a fim de incluir

digitalmente pessoas em sofrimento psíquico.

De modo específico, o projeto tinha objetivos de operar espaços virtuais de sociabilidade com a equipe extensionista da universidade em questão, com usuários e equipe do CAPS; mapear os encontros possibilitados e provocados quando do engendramento das instituições formação-saúde mental-informática; fomentar a inclusão digital; e viabilizar trabalhos conjuntos a serem desenvolvidos na universidade e no CAPS (Projeto de Extensão, 2007). Para atingir esses objetivos, foram feitas ações conjuntas entre os cursos de graduação de Psicologia e Computação, sendo necessária a inclusão de graduandos em computação para auxiliar os usuários no acesso à linguagem computacional e ao manuseio. O trabalho foi composto em oficinas, sendo propiciado acesso a computadores aos usuários deste CAPS.

Com respaldo em Maraschin (2000), pensamos nas oficinas terapêuticas com informática como constituintes de uma “ecologia cognitiva”, já que nelas há agenciamentos, interação e relações nas quais os sujeitos constituem suas cognições individuais, institucionais e técnicas. Elas são um espaço onde se

produzem e se mantêm formas de conhecimento, pensamento, tecnologias e formas institucionais de acesso a informações. Moura (2003) foi outra referência para a montagem das oficinas, quando enfatiza a intervenção nos “clubes terapêuticos”. No “Clube dos saberes”, citado pelo autor, os participantes detêm conhecimento que pode ser valorizado e compartilhado, em um espaço de construção do saber e da autonomia, regulado por um “estatuto” coletivo.

Pensando nessa perspectiva, de suporte e de trocas, as estagiárias do projeto atuavam no sentido de potencializar o relacionamento dos participantes com os computadores e outros participantes do projeto no sentido de produzirem obras de acordo com seu desejo e do grupo. Podemos citar, como exemplo, as conversas para construir a página do CAPS, a discussão sobre quais links seriam importantes e sobre a divisão da escrita de cada link por um integrante da oficina, a busca por sites sobre receitas de culinária ou sobre sofrimento psíquico, de acordo com a curiosidade/necessidade de alguns participantes. Assim, os encontros tinham a participação de bolsistas e voluntárias de Psicologia e Computação e, no máximo, sete usuários do CAPS, sendo que a

limitação do número de participantes relacionou-se com o número de computadores disponíveis no laboratório.

Na oficina, um dos participantes, que será chamado de Cristiano, expressou grande mudança em seus modos de relacionamento e de construção em interação com o computador em sua caminhada no projeto. Este participante terá, ao longo do texto, sua trajetória relatada e analisada. Sendo assim, a análise é centrada, mas não restrita ao participante escolhido.

É importante destacar que todos os nomes de participantes citados neste trabalho são nomes fictícios para fins de conservação do anonimato dos sujeitos. Objetivamos, assim, neste estudo, verificar a produção e expressão de subjetividade de um dos participantes inseridos nesse projeto de extensão a fim de analisar sua apropriação frente aos artefatos técnicos, disponibilizados por meio da interação com o ambiente computacional e as possibilidades subjetivas constituídas ao longo do processo.

Método

A pesquisa a partir da qual se discutem os dados no presente artigo

possui uma abordagem qualitativa, pois busca produzir sentidos – que são sempre múltiplos – para ações e relações humanas (Martins & Bicudo, 2003). Pautada na pesquisa-intervenção, não pretendemos coletar dados – até porque desde a perspectiva teórico-metodológica da pesquisa-intervenção propõe-se a produção de dados e não o encontro de dados para uma suposta coleta –, mas sim em criar condições para o experimentar de vivências diferenciadas para os participantes do projeto, tanto usuários quanto graduandos, em um constante processo de análise coletiva da implicação, das relações entre os participantes do processo e das condições de trabalho. Devido a questões de cunho ético-técnico, foram seguidos os preceitos da Resolução em vigor durante a pesquisa, Resolução nº 196/1996 e aprovado pelo Comitê de Ética.

A fim de pensar produção de saúde e subjetividade via agenciamento com tecnologias computacionais, acompanhou-se com a pesquisa e descreve-se no presente estudo a trajetória de um dos participantes da oficina. Cristiano é usuário do CAPS local, adulto, que participava semanalmente das oficinas do projeto. Ele foi questionado se estava disposto a participar da pesquisa e também se

desejava falar sobre seu percurso na oficina. Tendo aceitado a proposta, sentiu-se, conforme seu relato, participante também da construção de conhecimento científico.

Como instrumentos de produção de dados utilizaram-se duas entrevistas semiestruturadas e fez-se uso dos diários de campo construídos pelas autoras do artigo e das produções do usuário durante as oficinas (falas, arquivos e animações). Transcreveram-se as entrevistas na íntegra, realizou-se uma linha cronológica com as produções do usuário feitas no software Micromedia Flash5® e a isso se integraram fragmentos dos diários de campo referentes ao percurso do usuário. Esta linha cronológica foi apresentada ao usuário em uma das entrevistas, a partir da qual o mesmo pôde produzir sentidos acerca de suas produções.

Resultados e discussão

Situando o percurso da oficina

Durante o percurso da oficina, mais de vinte usuários participaram. Entre eles havia pessoas não alfabetizadas, pessoas com deficiência intelectual, dependentes químicos, psicóticos, indivíduos que possuíam em

comum a vontade de estar em outro ambiente, em contato com algo diferente do que estavam acostumados, ou seja, na interação com o computador. Assim, as mais diferentes formas de expressão foram emergindo, conforme o desejo de cada um dos participantes. Essas expressões eram desde uma digitação em editor de texto, desenhos em editores de imagem, até a criação de animações no software Micromedia Flash5®, envio de e-mail, pesquisas em sites de busca, e construção de um site do CAPS.

Evidencia-se a própria constituição da internet: “de todos para todos” (Lévy, 1996), à medida que possibilita relações em rede, busca e produção de informações de acordo com a perspectiva dos autores. A internet, em termos gerais, representa um movimento de democratização, que leva a um esmaecimento das hierarquias baseadas na presença (aparência física, idade, raça/etnia), à medida que ela possibilita que cada um acesse o que desejar e, ainda, o acesso aos dados *on-line* são feitos de qualquer lugar e a qualquer momento, sendo que nem sempre há visualização de quem fala. Este esmaecimento dos elementos baseados na presença física não apaga elementos de pertença, agora presentificados na forma de escrita,

inserção em certas discussões, construção de guetos, entre outros. Em outros termos, a entrada na rede via internet possibilita acesso e vida em outro “lugar”, diferente do cotidiano vivenciado na comunidade de pertença dos usuários de CAPS, na construção da contratualidade e da reabilitação psicossocial no âmbito das redes sociais, desde a perspectiva de Saraceno (1999).

A entrada na internet pelos participantes teve efeitos como uma valorização de suas potencialidades e outro lugar de relação dentro de suas famílias, por saberem operar com objetos técnicos valorizados socialmente. Nessa relação, os participantes das oficinas viam-se como sujeitos de uma grande rede. Ainda que não se sentissem aceitos na comunidade local, foram construindo navegações virtuais que viabilizaram outros laços familiares. Um participante, por exemplo, foi mais valorizado em sua família por fazer elo com um familiar que morava em outro país. O participante trocava e-mail com esta pessoa e constituía-se em veículo de informação familiar.

A partir do vínculo criado entre os participantes e destes com as estagiárias, as oficinas se tornaram um espaço no qual questões do cotidiano e

análises sobre a vida eram trazidas e discutidas. Para fins de exposição do percurso, podemos afirmar que houve períodos guiados por temas como: o problema do transporte, o problema das máquinas e o desfile de Sete de Setembro. Esses temas foram os principais direcionadores das produções das oficinas e dos diálogos nelas construídos.

O problema do transporte estendeu-se por meses. Apesar de o CAPS ter certa proximidade geográfica da universidade, para a segurança, possibilidade de acesso e conforto dos usuários, esperávamos que o micro-ônibus, de uso exclusivo do CAPS, estivesse disponível para o deslocamento dos mesmos até o *campus*, onde as oficinas eram realizadas. Porém, o serviço de saúde frequentemente tinha um motivo para não levá-los até a universidade, o que impossibilitou a participação da maioria dos usuários em nossos encontros.

Outro obstáculo foi o funcionamento dos computadores, com relação ao acesso à internet e impressora: tanto os usuários do CAPS como as estagiárias tiveram momentos de irritabilidade para com as máquinas por dificuldades no acesso. E apesar de tentativas para solucionar o problema, várias vezes foi protelada a impressão

dos desenhos do Cristiano, ou dos poemas de Michele, das músicas de Ivete, entre outras produções. Esses acontecimentos e reclamações como as de Ivete: “Assim não precisamos vir aqui, nunca conseguimos fazer nada”, levaram à mudança do ambiente onde ocorriam as oficinas, a fim de viabilizar o acesso aos recursos de forma mais frequente e adequada. O terceiro tema que atravessou as oficinas foi a primeira vez em que eles participariam do desfile de Sete de Setembro. Bianca, nos encontros que antecederam o desfile, de tão alegre, não falava em outro assunto. Isto foi relatado em um dos diários de campo das estagiárias: “a [Bianca] está muito feliz que participará do desfile, será a primeira vez que ela participará” (Diário de campo do dia 03-09-2007). Esses eventos repercutiram nas produções do grupo e nas suas posições perante o fazer da oficina. Traremos, a seguir, do percurso de Cristiano que ocorreu no contexto acima brevemente relatado.

Percurso de Cristiano

Nascido no interior do Rio Grande do Sul, Cristiano é filho adotivo de uma família de cinco filhos, sendo ele o filho caçula. Ele estava desempregado, quando, por intermédio

de um familiar, soube da possibilidade de emprego em outra região do país. Foi então que ele, revelando-se decidido, afirma: “Daí eu peguei e disse que ia. Eu peguei o ônibus e fui para lá [...]”. Durante 14 anos trabalhou, primeiramente em uma oficina de implementos agrícolas e, depois, na lavoura. Após este período, retornou a seu Estado natal, para a cidade em que mora atualmente. Cristiano veio para essa cidade para fazer tratamento psiquiátrico, pois apresentou comportamentos que apontavam sofrimento psíquico, como ele, ciente de sua situação passada e de seu sofrimento, evoca na entrevista:

[...] fiquei doente e daí vim para cá [...] teve outras vezes também que eu fiquei doente e vinha para cá e me tratava, ficava bom e voltava a trabalhar lá. Mas a última vez o patrão não quis mais, daí não aceitou mais eu trabalhar com ele, daí eu fiquei aposentado por invalidez. Me trouxeram de carro, de moto, de táxi. Porque de ônibus não queriam me trazer [...]. Uma vez, no ônibus que vinha para cá eu fiquei doente e fiquei internado [...] um amigo ia me trazer até minha mãe, no meio da viagem me deu uma crise [...] eu fiquei nervoso, levantei, o motorista e o cobrador tentaram me acalmar, eu bati com o cotovelo no vidro da porta [...] e daí eu pensei umas coisas lá [...].

Cristiano recebeu de um médico que o atendia a indicação de tratamento em um CAPS, no qual se inseriu, utilizando o serviço há alguns anos. No CAPS ele é respeitado pelos colegas, mantém bom relacionamento tanto com os trabalhadores do serviço como com os outros usuários. Participou por dois anos das oficinas deste projeto de extensão, que acontecia com a periodicidade de dois encontros semanais, e no CAPS, onde era usuário semi-intensivo, participou de outras oficinas. Nos trechos de dois diários de campo colocados a seguir, verificamos a interação de Cristiano com as estagiárias e com seus colegas:

[...] Ao chegarmos na sala do [Grupo de Pesquisa], o Cristiano sentou-se (após pegar um chá na sala da impressora) em frente a uma máquina, para construir seus trabalhos no Flash 5. Próximo ao final do encontro, o Cristiano pediu-me para lhe dar uma sugestão de desenho e eu sugeri que ele produzisse como ele imagina que será a exposição amanhã. Mais para o final, ainda, ele disse a [Janete]: "Esse aqui é um bonequinho light, magrinho!" e sorriu [...] (Diário de campo do dia 19-09-2007). [...] Cristiano trabalhou no Flash, pediu sugestão para desenhar para o [Elemar], e o mesmo sugeriu um pôr do sol [...]. (Diário de campo do dia 07-11-2007).

Observou-se uma transformação na timidez de Cristiano ao longo das oficinas, onde ele se vinculou com as estagiárias, criando um ambiente propício para troca de ideias, conversas sobre diversos assuntos e estabelecimento de um nível de confiança dele para com as estagiárias e dele para consigo mesmo. No princípio, ele precisava mais frequentemente do auxílio dos manuais de instrução dos programas de computador e das estagiárias para produzir suas animações, as quais eram chamadas de *flashes*, em decorrência do nome do software de animação. A seguir, citamos uma passagem dos diários de campo da oficina:

[...] perguntei ao Cristiano o que ele iria fazer e, ele me disse que faria flashes. Perguntei se era o que ele mais gostava de fazer no computador e, ele me disse que sim, pois, é o que ele melhor sabe fazer. Contou-me que, quando começou a participar do projeto, ele aprendeu, através de um CD, fornecido pelos estagiários a fazer os flashes e, também falou que depois ele ensinou um colega e, agora, Cristiano disse que já aprendeu mais coisas [...].

Cristiano, ao iniciar seu contato com o computador, interessou-se pelo software Micromedia Flash5® e

desenvolveu seus conhecimentos acerca do mesmo. A manipulação da matéria permitiu a criação inicialmente de animação de objetos (bola, casa e avião), passando à criação de situações com seres vivos (borboletas, pessoa com bola, homem em frente ao computador, meninos jogando futebol) e situações (festa junina), entre outros. A escolha dos temas se relaciona às tramas de relações vivenciadas pelo participante tanto na interação com outros participantes da oficina (quando outros participantes discutiam algum tema, logo ele surgia na tela de Cristiano, animado) quanto de elementos de sua vida. A questão dos meios de transporte, por exemplo, trazidos na entrevista e em algumas animações, a relação com a família são temas presentes.

No começo dos encontros, Cristiano interagiu apenas pedindo as instruções de como se utilizava o programa, e desenhava os objetos sugeridos no manual. Com o tempo, Cristiano passou a perguntar aos colegas o que poderia desenhar e começou a esboçar figura humana (Figura 1) com algum objeto. No final do projeto, houve uma publicização da obra, ou seja, ele já estava interagindo bem mais com outros participantes da oficina e com as estagiárias bolsistas e

voluntárias, desenhava o que lhe sugeriam (Figura 2), ou sobre o assunto que estava em pauta na discussão.

A maioria dos temas das animações eram sugestões dos usuários do CAPS e estagiárias, pois ele os interrogava frequentemente: “Me dá uma ideia do que eu desenho hoje?”. O perguntar aos participantes da oficina sobre o que ele iria desenhar abre portas para que construam relações de diálogo entre eles, caracterizando um intercâmbio, tendo funcionado como um modo de articular-se a outros e produzir desenhos na articulação com seus parceiros, a pergunta como modo de produzir um desenho-coletivo, que diga de um coletivo. Outra forma de interação é quando ele ouve o que o grupo fala, o assunto que estão discutindo e, a partir disso, produz suas animações. Assim, a pergunta de Cristiano abria portas para uma construção coletiva de si, dos outros e do mundo daquela oficina bem como seus desdobramentos. Percebe-se que as mudanças nos processos de interação ocorrem concomitantemente às mudanças nos desenhos.

O tema que revela produções de pessoas interagindo, como de pessoas em um determinado contexto ou manuseando um determinado objeto, passa de uma perspectiva

bidimensional, à tridimensional. Isso remete à fala de Guattari (1992) quando diz: “o indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas, que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, se re-singularizar” (p. 17). Fazendo as animações, Cristiano retoma sua história e sua relação com os participantes da oficina, perguntando sobre como proceder, solicitando sugestões e publicizando sua obra como uma forma de interação no grupo.

A interação de Cristiano com os participantes evidenciava-se, também, em outros momentos como quando mostrava para as estagiárias e seus colegas o que relatou em outras oficinas promovidas pelo CAPS e pela universidade; auxiliava as produções de outros participantes no computador; via documentos na internet em conjunto; via as produções (textos, poemas, áudios, etc.); demonstrava interesse em aprender o que não sabia; comunicava-se em bate-papo; entre outros.

Cristiano, que estava acostumado a trabalhar somente com um programa, no final das oficinas já explorava as ferramentas de edição de texto, navegava pela internet, experienciou como é desenhar no programa de edição de imagens, e

também a conversar via internet. O agenciamento Cristiano-computador-internet-flash pareceu operar na construção dos mundos virtuais de Cristiano que ampliavam seu universo cotidiano e as possibilidades de nele habitar e produzir saúde e subjetividade. O computador é uma máquina virtual, da qual podem emergir várias possibilidades, simulações e invenções, como afirma Cristiano em sua entrevista: “[...] um pouco da gente sempre fica né [...]”. E um pouco da gente sempre se modifica.

A partir do percurso de Cristiano, pode-se afirmar uma inclusão digital com autoria e com produção de sentidos, sujeitos e coletivos. Aqui, tratou-se da produção de coletiva – de um pequeno grupo da oficina. As tecnologias digitais não direcionaram o processo, mas foram partícipes de uma proposta de oficina e de convivência entre pessoas em sofrimento psíquico bem como dessas com cuidadores, numa perspectiva de autoria. A inclusão em redes sociocognitivas foi possibilitando a construção de redes de produção e multiplicação de sentidos acerca de si, do outro, do mundo.

A análise dos desenhos reafirma que os usuários do CAPS devem ser vistos como pessoas que têm uma história e um lugar social além daquele

em que se encontram (CAPS), ou seja, são cidadãos, que vivem na mesma sociedade que a nossa, andam nas ruas do centro da cidade, andam de ônibus, frequentam lojas e, produzem no/com o computador (Moura, 2003). As produções desses desenhos podem ser pensadas, também, a partir da desterritorialização, mencionada por Lévy (1996), no sentido de que o sujeito, ao produzir no computador, encontra-se em processo de virtualização. Virtualização da doença em direção à saúde e a um registro e experimentação de possibilidades de vida que podem se dar para além de ratificar as coordenadas sociais e seus mapas de como devemos agir e interagir em sociedade, mas problematizando tais coordenadas e inventando outros territórios existenciais, outros mapas de subjetividade e de sociabilidade, ou seja, possibilidades de vida que diferem do que está dado e do que está posto, radicalizando assim a ideia de inclusão social: incluir não é só produzir meios de adaptação a uma sociedade dada, mas desnaturalizar os modos de vida colocados por tais sociedades, pois outros modos e outras sociedades sempre são possíveis.

Considerações finais

O projeto extensionista ocorreu em momento histórico de pensares e agires sobre a Reforma Psiquiátrica e com a invenção de práticas em saúde mental. Sua aposta foi constituída na tentativa de surfar ondas da sociedade de controle, procurando vias de existência diferenciadas para os participantes do projeto. Cientes das armadilhas, das malhas da institucionalização e dos movimentos de captura capitalística – ainda mais quando se trata de pensar sobre artefatos que têm sido apontados como elementos de investimento da sociedade de controle para tomada de poder sobre a produção de subjetividades –, pensamos que, pode-se sim, experimentar linhas de fuga no uso dos recursos digitais como modo de produzir cuidado em saúde mental.

Dessa forma, a oficina em saúde mental propôs-se a ser uma oficina de expressão, afinando possibilidades subjetivas. Na construção de animações, Cristiano pôde operar no limite de um software interagindo com outros participantes e desenhando contornos dos encontros extensionistas. Tais contornos (de meios de transporte, de figuras humanas e até de sua própria

imagem) foram se animando ao longo do trajeto.

Assim, a participação no projeto operou a abertura de outros possíveis aos participantes, vinculados à universidade, ao universo da informática, a inclusão no mundo digital e às formas de expressão das tecnologias da comunicação e informação. Algumas coordenadas de vida se potencializaram nesse percurso de agenciamentos participantes-máquinas-oficina-temas cotidianos-saúde mental. Assim como em outras oficinas em saúde mental, nas quais a aposta se dá também no deslocamento dos modos de pensar e entender a loucura, desnaturalizar o objeto loucura e assim práticas, inclusive de cuidado e de escrita, de saber-poder que tendem a produzir e naturalizar assimetria entre razão e desrazão e ratificar, mesmo com novas roupagens, a noção louco-exclusão-confinamento-isenção de direitos. Ou seja, estamos pensando cidadania com a/na loucura para o de cidadão, de artista, de marceneiro. A aposta radical é a de com as oficinas pensar outros modos de viver, de conviver, de trabalhar que insiram pessoas em sofrimento psíquico em cotidianos, na sociedade, mas que também nos façam nós todos/as e cada um/a de nós pensar que outras práticas e

formações sociais são possíveis, outros modos de viver e trabalhar são possíveis.

No acoplamento homem-máquina, apostou-se na criação de um interstício entre o sujeito nomeado, com sua história de vida, sofrimentos e alegrias, bons e maus encontros na/com a vida e um lugar em comum, campo da comunidade para, nesse espaço entre, produzir novas histórias. Assim, a intervenção é tida como uma multiplicidade, num estar com a universidade, os recursos informatizados, e outros sujeitos na produção de reabilitação psicossocial.

O percurso dos participantes pela oficina apontou que as tecnologias terapêuticas operam um lugar de interrogação para os sujeitos, de sustentação perante um outro que não moraliza, de um suporte que demanda paciência, que tem um tempo próprio mas que, de forma inesperada, tem efeitos de acolhimento, ao mesmo tempo em que ela (tecnologia) tem um valor socialmente aceito no mundo atual.

Verificamos que o projeto conseguiu operar espaços virtuais de sociabilidade e vivenciar/experimentar modos de operar a produção das conexões desejantes. Foram viabilizados, embora depois

interrompidos, trabalhos conjuntos a serem desenvolvidos na universidade e no CAPS.

Desta forma, por meio do projeto, pudemos experimentar os recursos informatizados como meios de expressão de novas e singulares subjetividades e sociabilidades de forma diferenciada do modo de operar inflacionado nas sociedades de controle como recursos midiáticos e informáticos que tendem a funcionar para serializar subjetividades, homogeneizar territórios subjetivos. Além disso, esses recursos também possibilitaram a inclusão digital, conforme sugerem os trabalhos de Cristiano, o uso dos mesmos como modo de interação e produção com o grupo bem como suas verbalizações a respeito de sua aprendizagem no projeto.

Parece, então, ser necessário a desnaturalização de práticas assistenciais em saúde mental e a produção de novas práticas propiciadoras de cidadania, autonomia e relações sociais inéditas. Os recursos digitais podem ser partícipes nesse processo de produção de práticas de saúde mental que se queiram produtoras de novos territórios existenciais, inclusive para o próprio cuidado em saúde mental, dentro de uma perspectiva ética e técnica. Desta forma,

sugerimos que se invista mais em pesquisas de campo acerca de práticas de atenção e oficinas de saúde mental e em trabalhos como este realizado com mediação do uso de computador, o qual demonstrou ampliação potencialmente qualitativa da expressão, construção da subjetividade e inclusão digital.

Referências

- Cavanagh, K., Shapiro, D., Van Den Berg, S., Sharon, S., Barkham, M., & Proudfoot, J. (2009) The acceptability of computer-aided cognitive behavioural therapy: a pragmatic study. *Cognitive Behavioural Therapy*, 60(3), 1-12.
- Deleuze, G. (1992) *Conversações*. São Paulo: 34.
- _____. (1997) *Clínica e crítica*. São Paulo: Editora 34.
- Escóssia, L. da (2010) A Invenção Técnica: transindividualidade e agenciamento coletivo. *Informática na Educação: teoria & prática*, 13(2), 16-25.
- Francisco, D. (2009) Inclusão digital: reflexões em saúde mental. *Revista EDaPECI: Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais*, 01, 18-28.

- Guattari, F. (1992) *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Lévy, P. (1996) *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34.
- Martins, J., & Bicudo, M. A. V. (2003) *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos* (3a ed.). São Paulo: Centauro.
- Maraschin, C. (2000) Redes socioculturais e as novas tecnologias da comunicação e da informação. In T. M. G. Fonseca; D. J. Francisco. *Formas de ser e habitar contemporaneidade* (pp. 109-120). Porto Alegre: UFRGS.
- Michelazzo, P. (2003). Os benefícios da educação e da inclusão digital. In: S. A. Silveira; J. Cassiano (Orgs). *Software livre de inclusão* (pp. 265-272). São Paulo: Conrad Editora do Brasil.
- Moura, A. H. (2003) *A psicoterapia institucional e o clube dos asberes*. São Paulo: Hucitec.
- Rauter, C. (2000) Oficinas para quê? – uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. In P. Amarante. *Ensaio subjetividade, saúde mental, sociedade* (pp. 267-278). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Saraceno, B. (1999) Reabilitação social. In A. Pitta. *Reabilitação psicossocial no Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- Turkle, S. (2008) *The inner history of devices*. Cambridge: The MIT Press.
- Yasui, S. (2010) *Rupturas e encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Deise Juliana Francisco: Graduada em Psicologia (1993) e Licenciatura em Psicologia (1996), mestrado em Educação (1998) e doutorado em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2007). Atualmente é professora adjunta III, coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da UFAL. Tem experiência na área de Psicologia e Educação, com ênfase em Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: saúde mental, psicologia social, tecnologias digitais, informática na educação e educação a distância.

E-mail: deisej@gmail.com

Enviado em: 08/04/2014 – **Aceito em:** 28/10/2014

Figuras

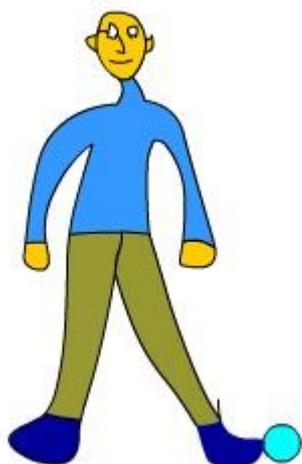


Figura 1– Homem jogando bola



Figura 2 – Festa junina